

# CLIPPING FARMÁCIA

26 de Julho de 2019

- Butantan tem plano de R\$ 1,8 bilhão para vacinas
- Lucro da Profarma recua 21,7% no segundo trimestre
- Hapvida capta R\$ 2 bi para mais aquisições
- Lucro e vendas da Roche crescem no 1º semestre e ações sobem
- Farmacêutica GSK melhora projeção para 2019 após 2º trimestre forte
- Novo estudo recomenda cautela com uso preventivo de aspirina
- Takeda pode vender ativos na Am. Latina





## Butantan tem plano de R\$ 1,8 bilhão para vacinas

Referência nacional na produção de soros e vacinas, o Instituto Butantan caminha para, pela primeira vez, fornecer a vacina contra a gripe para o mercado internacional. Além da capacidade já existente para produzir tanto para o Brasil quanto para outros países, o instituto público paulista planeja investir US\$ 450 milhões, ou cerca de R\$ 1,8 bilhão ao câmbio de sexta-feira, em um moderno centro de produção que o levará para o topo entre os maiores fabricantes de vacinas do mundo e consolidará sua presença no mercado global.

O plano é ambicioso e já foi submetido ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), na expectativa de que se alcance o financiamento integral do chamado CPV - que compreende um prédio de 52 metros de altura e três andares, com 5 mil metros quadrados cada, e sete linhas de produção de diferentes vacinas a ser instalado na área do instituto, junto à Cidade Universitária, na capital paulista. O pedido de crédito está em análise no banco de fomento e o projeto está na fase conceitual.

Em entrevista ao Valor, o diretor Dimas Tadeu Covas, que está à frente do Butantan desde fevereiro de 2017, disse acreditar na liberação dos recursos. "O Butantan não quer dinheiro público, porque a resposta é demorada. Quer financiamento, vai pagar por todo ele e tem apoio do governo do Estado", diz o médico.

Pesquisador e professor da Faculdade de Medicina da USP Ribeirão Preto, Covas, que a despeito do sobrenome não tem relação de parentesco com o ex-governador Mário Covas,

conta que foi justamente a percepção de que o Butantan tem um potencial de negócios, que nunca foi utilizado integralmente, que o levou a aceitar o convite para o cargo. A máquina "pesada" e a burocracia de uma entidade pública, porém, ainda representam um desafio, reconhece o diretor.

"O Butantan é um instituto de pesquisa, mas também uma indústria que produz insumos relevantes e consegue transformar o que está em bancada em produto", diz, evidenciando a mudança de perfil na gestão do instituto. Agora, além de incentivar as pesquisas de novas moléculas e produzir para atender o setor público, o instituto vai buscar presença em outros mercados.

Neste momento, há conversas em andamento com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde para qualificar a vacina contra a gripe (influenza sazonal) trivalente produzida em São Paulo para uso no Hemisfério Norte. Hoje, a fábrica dedicada exclusivamente a esse tipo de imunizante na Fazenda Butantan é a maior do Hemisfério Sul e sua capacidade foi quase que triplicada recentemente, mediante investimentos de R\$ 80 milhões.

Em 2019, produzirá 60 milhões de doses para o Ministério da Saúde, ao custo aproximado de R\$ 900 milhões. A partir de 2020, terá capacidade de produção de 140 milhões de doses, com possibilidade de fornecimento de 60 milhões delas para países do Hemisfério Norte. Há indicações de que a OMS pode dar seu aval ao produto já em outubro.



Em outra frente, representantes do instituto participarão da comitiva do governador João Doria em viagem à China, em agosto, quando será aberto um escritório comercial de São Paulo em Xangai. "Temos capacidade para atender novos mercados", diz o diretor. O Butantan também está em tratativas com potenciais parceiros internacionais, incluindo a francesa Sanofi, para distribuição da vacina em outros países. Foi a Sanofi Pasteur que, em 1999, iniciou a transferência da tecnologia para produção do imunizante para o instituto, concluída em 2012. Destaque em termos de volume e da independência total na produção, a vacina contra a influenza sazonal tem sido importante geradora de receitas para o instituto, cujo faturamento anual está em torno de R\$ 1,8 bilhão. Os valores relacionados aos contratos do instituto com o Ministério da Saúde são repassados à Fundação Butantan. Já o instituto recebe cerca de R\$ 100 milhões por ano de dotação orçamentária do governo paulista, via coordenadoria de ciência e tecnologia da Secretaria da Saúde. Parte das receitas será usada nos investimentos previstos para os próximos anos, que chegam a US\$ 717,5 milhões – mais da metade no CPV, projeto considerado prioritário. Com os US\$ 450 milhões, o Butantan pretende alcançar capacidade de produção de vacinas contra hepatite A e hepatite B - 10 milhões de doses e 63 milhões de doses, respectivamente - e de 12 milhões de doses da vacina contra o papilomavírus humano (HPV), além de centenas de milhares de doses para difteria, tétano e coqueluche.

Há outras boas promessas no pipeline do Butantan para os próximos anos. Em dezembro, o instituto e a farmacêutica americana Merck Sharp and Dhome (MSD) assinaram um acordo inédito de colaboração tecnológica e pesquisa clínica para desenvolvimento de suas vacinas contra a dengue, para todos os tipos da doença. Por meio dessa parceria, o centro de pesquisas brasileiro receberá até US\$ 101 milhões da MSD. O pagamento já começou.

O Butantan será o fornecedor exclusivo no mercado brasileiro e a vacina estará disponível no Sistema Único de Saúde (SUS) gratuitamente. A MSD ficará com o mercado internacional, mas haverá pagamento de royalties ao instituto. Segundo Covas, a fábrica do imunizante já está pronta e a fase 3 dos estudos clínicos foi concluída no mês passado. Os dados da pesquisa devem ser conhecidos entre o fim de 2020 e o início de 2021.

Essa parceria é reflexo de outra mudança de mentalidade no instituto, que abandona a "visão quadrada de inovação", conforme Covas. "Vamos procurar a tecnologia onde ela já está disponível. O ciclo da inovação é muito longo e não é preciso começar a desenvolver do zero o que já existe em outro lugar. O olhar agora é mais empresarial", avalia.

Além das vacinas e soros, o Butantan enveredou pela seara dos anticorpos monoclonais e está investindo R\$ 95 milhões em uma fábrica piloto, cuja construção já foi iniciada.



A conclusão das obras está prevista para 2020 e a plataforma absorverá a tecnologia de produção de biossimilares, usados no tratamento do câncer e de doenças auto imunes, que serão fornecidos ao Ministério da Saúde. A Libbs é a parceria privada nesse projeto.

Unindo a tradição centenária em soros e a novidade dos anticorpos monoclonais, o instituto está desenvolvendo um anticorpo antiveneno que pode mudar radicalmente a forma de combater as toxinas de animais peçonhentos ou microorganismos. Hoje, para produzir os soros, o Butantan tem um plantel com mais de 700 cavalos na Fazenda São Joaquim, em Araçariguama (SP), a 50 km da capital.

**Fonte: Valor**



## Lucro da Profarma recua 21,7% no segundo trimestre

A Profarma, empresa especializada na distribuição de produtos farmacêuticos, registrou lucro líquido de R\$ 1,2 milhão no segundo trimestre de 2019, uma queda de 21,7% na comparação com o mesmo período de 2018.

Desconsiderando os efeitos da adoção da norma contábil IFRS 16, a empresa divulgou um lucro líquido de R\$ 2,3 milhões, neste caso, o lucro teria crescido 53,3%.

Também na comparação anual, a receita subiu 12,4%, para R\$ 1,13 bilhão.

De abril a junho de 2019, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) ajustado foi de R\$ 50,3 milhões, alta anual de 8,9%. Ao desconsiderar o IFRS 16, o Ebitda seria de R\$ 31,8 milhões, 10,8% maior na comparação com o mesmo período do ano anterior.

De acordo com o informe trimestral de resultado (ITR), a despesa financeira líquida cresceu 15,7% no segundo trimestre de 2019 ante igual intervalo do ano passado, para R\$ 25,5 milhões. Ao excluir o impacto do IFRS 16, a despesa financeira líquida é de R\$ 20,7 milhões, queda de 5,9%.

**Fonte: Valor**



## Hapvida capta R\$ 2 bi para mais aquisições

A operadora de saúde Hapvida definiu ontem o preço de R\$ 42,50 por ação em sua oferta subsequente (follow-on), apurou o Valor. O desconto foi de 2% sobre a cotação de fechamento de ontem - dia em que o papel teve valorização de 3,04%, a R\$ 43,36.

A oferta base é de 46,44 milhões de ações, levantando R\$ 1,97 bilhão. Conforme uma fonte, a companhia teve demanda também para alocar o lote adicional, de 9,29 milhões de ações, equivalente a R\$ 394,7 milhões - totalizando R\$ 2,37 bilhões. A operação é primária, portanto todos os recursos irão para o caixa da empresa. A oferta ainda pode ser aumentada em R\$ 296 milhões, caso seja exercido o lote suplementar de 6,966 milhões de ações. Isso elevaria a captação total para R\$ 2,66 bilhões.

A Hapvida usará os recursos para fortalecer a estrutura de companhias que comprou recentemente e também para financiar potenciais aquisições futuras, conforme informou ao anunciar a oferta. A operadora, que concentrava suas aquisições em companhias verticalizadas, passou a olhar também para ativos independentes - como hospitais e clínicas, carteiras de clientes e planos de saúde.

Em fevereiro do ano passado, quando fez sua oferta inicial (IPO), a Hapvida vendeu ações a R\$ 23,50. A nova operação representa, portanto, um preço 81% superior por ação. Os bancos coordenadores do follow-on foram Bank of America, BTG, Goldman Sachs e Santander.

Nesta quinta-feira haverá a precificação do follow-on da locadora de veículos Movida. Ontem à noite, os coordenadores consideravam haver demanda suficiente para emplacar a operação a R\$ 16 por ação, apurou o Valor. Um grande investidor acredita que pode ter ajuste hoje, já que o papel caiu 2,01% ontem e fechou a R\$ 16,07 - o que pode provocar uma pressão por desconto no follow-on.

A oferta é primária e secundária, somando 48,5 milhões de ações. Nesse preço, levantaria R\$ 776 milhões. Há possibilidade de lote adicional de 16,98 milhões de ações. Os coordenadores são BTG, Itaú BBA, J.P. Morgan, XP Investimentos, BB Investimentos e Bradesco BBI.

**Fonte: Valor**



## Lucro e vendas da Roche crescem no 1º semestre e ações sobem

O lucro líquido da Roche Holding aumentou no primeiro semestre, e a farmacêutica reajustou para cima as previsões para as vendas do ano todo.

O lucro após impostos cresceu para 8,9 bilhões de francos suíços (US\$ 9 bilhões) no primeiro semestre, comparado a 7,5 bilhões no mesmo período do ano passado.

As vendas da primeira metade do ano subiram para 30,5 bilhões de francos, contra 28,1 bilhões, graças ao crescimento das divisões de farmácia e ferramentas de diagnóstico.

“Na primeira metade do ano, alcançamos resultados muito fortes, impulsionados pela elevada procura dos nossos novos medicamentos”, disse o executivo Severin Schwan.

A Roche elevou as previsões das vendas do total do ano e espera agora um crescimento de cerca de 5% a 9% a taxas de câmbio constantes. Os lucros subjacentes por ação devem crescer em linha com as vendas, disse a empresa.

A farmacêutica reiterou que prevê aumentar o dividendo pago em francos suíços.

Os lucros da Roche superaram as expectativas graças à venda de produtos e a benefícios fiscais, segundo a corretora Jefferies. As vendas no semestre também foram melhores que o esperado, lideradas pelo negócio de medicamentos, enquanto as vendas da sua divisão de diagnósticos caíram ligeiramente abaixo do que os analistas esperavam, diz a corretora.

As ações abriram em alta de 1,2% nesta manhã em Paris.

**Fonte: Valor**



## Farmacêutica GSK melhora projeção para 2019 após 2º trimestre forte

A farmacêutica britânica GlaxoSmithKline (GSK) melhorou nesta quarta-feira as estimativas de ganho em 2019, após anunciar que o lucro antes de impostos no segundo trimestre dobrou.

Conforme a companhia, o lucro antes de impostos alcançou no intervalo 1,26 bilhão de libras (US\$ 1,58 bilhão), frente a 614 milhões de libras um ano antes.

As receitas subiram 6,8%, a 7,81 bilhões de libras (US\$ 9,75 bilhões), acima das 7,59 bilhões de libras esperadas pelo mercado, segundo consenso de estimativas da FactSet.

O lucro por ação ajustado no trimestre foi de 30,5 pence, também acima das expectativas de analistas, que apontava para 25,18 pence.

Agora, a GSK prevê queda de 3% a 5% no lucro por ação no acumulado de 2019, a taxas de câmbio constantes, comparável à redução de 5% a 9% esperada anteriormente.

No trimestre, o lucro líquido da farmacêutica alcançou 964 milhões de libras, frente a 441 milhões de libras no mesmo período de 2018.

Segundo a companhia, a joint venture com a Pfizer para a área de medicamentos isentos de prescrição (OTC, na sigla em inglês) deve ser concluída em breve. A GSK havia indicado que a expectativa era de consumação da transação no segundo semestre.

O conselho da GSK manteve um dividendo anunciado de 19 pence por ação e reiterou a projeção de pagamento de 80 pence por ação no acumulado de 2019.

Mais cedo, a farmacêutica anunciou que Jonathan Symonds, atualmente vice-presidente do conselho de administração da HSBC Holdings, sucederá Philip Hampton na liderança de seu colegiado a partir de 1º de setembro.

**Fonte: Valor**





## Novo estudo recomenda cautela com uso preventivo de aspirina

Uma nova pesquisa científica que acaba de ser publicada no *Annals of Internal Medicine*, reiterou os alertas já apresentados no final do ano passado sobre os riscos do uso indiscriminado e preventivo da aspirina por idosos que não tem recomendação médica expressa, relacionada a problemas cardíacos.

A partir de dados da Pesquisa Nacional de Entrevistas de Saúde de 2017, a equipe do Beth Israel Deaconess Medical Center constatou que quase metade dos americanos adultos com 70 anos ou mais, sem história de doença cardíaca ou acidente vascular cerebral, tomam aspirina diariamente, contra as diretrizes atuais da American Heart Association e do American College of Cardiology. Esses idosos estão aumentando o risco de sofrerem sangramentos graves, sem nenhuma razão.

Isso não significa uma condenação expressa ao uso preventivo da aspirina, que segue recomendada para quem teve um derrame ou um ataque cardíaco, bem como para pacientes com pressão alta, diabetes, colesterol alto ou stents coronários. Em todos os casos, vale a indicação de respeitar a recomendação médica, que por sua vez, precisa pesar riscos e benefícios.

No ano passado, pesquisadores do Kings College London e do Kings College Hospital, na Inglaterra, revisaram 13 estudos clínicos com 164 mil participantes que analisavam o potencial preventivo da aspirina e concluíram que enquanto o uso do comprimido está associado a uma redução de 11% no risco de eventos cardiovasculares

(morte, infarto não letal e derrame não letal), ele também relaciona-se a um aumento de 47% de casos de sangramento.

Os autores alertam para o fato de que não foi possível estabelecer uma relação de causa e efeito mais específica e que por isso, o medicamento como método de prevenção tem de ser bem discutida entre médicos e pacientes.

No caso da diabetes mellitus, um estudo randômico com 15.480 participantes, acompanhados por 7,4 anos em média comprovou que os pacientes que tomaram aspirina tiveram menos eventos vasculares graves do que os que receberam placebo (8,5% contra 9,65), ao passo que os eventos hemorrágicos maiores se deram em 4,1% dos que receberam aspirina contra 3,2% entre os usuários de placebo. Não houve diferença significativa na incidência de câncer, entre os dois grupos. Conclusão: o uso de aspirina preveniu eventos vasculares graves em pessoas que tinham diabetes e nenhuma doença cardiovascular evidente na entrada do estudo, mas também causou grandes eventos hemorrágicos. Os benefícios absolutos foram amplamente contrabalançados pelo risco de sangramento.

O princípio ativo da aspirina é um velho conhecido da humanidade. Em 1534 antes de Cristo, o Papiro de Ebers, hoje em exibição na Universidade de Leipzig, destacava ser possível controlar os sintomas da malária com um tônico feito a partir da casca do salgueiro, do gênero *salix*.





Em 1894, o químico alemão Felix Hoffman conseguiu sintetizar seu princípio ativo ao procurar uma alternativa ao ácido salicílico que fosse melhor tolerada pelos doentes, pois o seu pai sofria de reumatismo crônico que combatia diariamente com ácido salicílico, o que lhe causava sérios problemas de estômago e um desagradável sabor na boca.

Assim surgiu o AAS, eficaz no combate às dores, à inflamação e à febre, mas com um sabor menos amargo e melhor tolerado pelo estômago. Foi o primeiro composto sintetizado em laboratório e o primeiro medicamento a ser vendido em comprimidos. Dois anos depois da sua descoberta, o AAS foi lançado no mercado alemão sob a marca registrada de Aspirina que, em 1950, apareceu no livro de recordes do Guinness, como o analgésico mais vendido do mundo. Em 1969, foi levada na viagem à Lua na caixa de primeiros socorros dos astronautas Neil Armstrong, Buzz Aldrin e Michael Collins. Pouco depois, com a identificação de seu mecanismo de ação, passou a ser recomendado para prevenir doenças cardiovasculares.

**Fonte: Valor**





## Takeda pode vender ativos na Am. Latina

O grupo farmacêutico japonês Takeda está na fase final do processo de venda de seus ativos latino-americanos, avaliados em cerca de US\$ 1 bilhão, afirmaram fontes.

A brasileira EMS é favorita para levar os ativos, que incluem no Brasil marcas como Neosaldina e Dramin. A Reckitt Benckiser e a uruguaia Megalabs foram selecionadas, juntamente com a EMS, para apresentarem ofertas vinculantes pelo portfólio. A venda faria parte de estratégia da Takeda para reduzir dívida após a compra da Shire por US\$ 59 bilhões. A Takeda espera faturar 1,5 bilhão de euros com a venda destes ativos europeus e enviou informações às partes interessadas, dizem as fontes.

**Fonte: DCI**

